



Educação Infantil: Comprometimento com a Formação Global da Criança

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)



Educação Infantil: Comprometimento com a Formação Global da Criança

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação infantil: comprometimento com a formação global da criança

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Isabelle Cerqueira Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação infantil [recurso eletrônico] : comprometimento com a formação global da criança / Organizadora Isabelle Cerqueira Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5706-435-1
DOI 10.22533/at.ed.351200110

1. Educação infantil. 2. Professores de educação infantil – Formação. 3. Crianças - Desenvolvimento. I.Sousa, Isabelle Cerqueira.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Educação infantil é a primeira etapa da educação básica, portanto um período fundamental para a formação global das crianças, é nesse período que são transmitidos valores, regras, atitudes, comportamentos e aprendizados essenciais que serão a base da evolução de cada indivíduo e serão utilizados por toda a vida.

O contexto da Educação Infantil enquanto sistema organizado de ensino, tem suas bases históricas fundamentadas em diferentes abordagens ou funções sociais, essa obra vem trazer estudos que apresentam a evolução da concepção de infância no Brasil e seu reflexo nas políticas públicas educacionais, conjuntamente com a trajetória escolar e identidade do docente da educação infantil, seus caminhos e descaminhos.

Será contextualizada também a história da leitura no Brasil, através de uma reflexão sobre a literatura para crianças na educação infantil, e como essa literatura pode ser uma ferramenta valiosa para as crianças que estão em tratamento no ambiente hospitalar.

Ao se falar de crianças, não se poderia deixar de comentar sobre as dificuldades alimentares, portanto também será apresentado um capítulo que vem refletir sobre as práticas alimentares dos bebês na creche e um capítulo que traz uma discussão de como a escola e o professor estão enfrentando a problemática da obesidade infantil.

No percorrer dessa obra o leitor terá oportunidade de desfrutar sobre os temas: - Meandros da educação física na educação infantil, voltando-se para a utilização do lúdico como pilar do aprendizado; - Danças, arte e corporalidade na educação infantil; - Educação visual e infância: um estudo dos desenhos; - Transtorno de Deficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) no contexto escolar e Assédio moral: realidade e desafios no trabalho docente na educação infantil.

Diante de tamanha relevância do tema, a Atena Editora presenteia os leitores com essa obra, que intenciona a divulgação de reflexões, estudos, discussões e pesquisas referentes ao tema da educação infantil.

Isabelle Cerqueira Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EVOLUÇÃO DA CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NO BRASIL E SEU REFLEXO NAS
POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.3512001101

CAPÍTULO 2..... 9

INFÂNCIA, TRAJETÓRIA ESCOLAR E IDENTIDADE PROFISSIONAL: UM ESTUDO DE
NATUREZA NARRATIVA

Dirlene Graciano

Noemi Boer

DOI 10.22533/at.ed.3512001102

CAPÍTULO 3..... 22

UNIDADES UNIVERSITÁRIAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: OS PESQUISADORES EM
SEUS CAMINHOS E DESCAMINHOS

Cláudia Vianna de Melo

Erica Cristian Reis dos Santos

Flávia Maria de Menezes

DOI 10.22533/at.ed.3512001103

CAPÍTULO 4..... 28

A LEITURA NO BRASIL - UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA PARA CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Eliane Ferreira Rocha Alencar

Kellen Solange Fruhauf Stinghen

Luciene Toffoli de Oliveira

Rosangela Ludwig Capatto

DOI 10.22533/at.ed.3512001104

CAPÍTULO 5..... 40

UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM LITERATURA INFANTIL PARA CRIANÇAS
HOSPITALIZADAS

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.3512001105

CAPÍTULO 6..... 49

AS PRÁTICAS ALIMENTARES DOS BEBÊS NA CRECHE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Deise Bruna Massena Leite

DOI 10.22533/at.ed.3512001106

CAPÍTULO 7..... 58

A ESCOLA E O PROFESSOR: COMO TRATAR O TEMA DA OBESIDADE INFANTIL?

Priscila de Lima Gomes

Willian Rayner Lima

Léia Adriana da Silva Santiago
DOI 10.22533/at.ed.3512001107

CAPÍTULO 8..... 72

OS MEANDROS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O LÚDICO COMO PILAR DO APRENDIZADO

Erika Castro dos Santos
André de Farias Leite
Edma Ribeiro Luz
Morgana Luísla de Sousa Rios da Costa
Raimundo Silva dos Santos
Mayara Mirelly Soares da Costa
Francisco Carlos da Silva Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.3512001108

CAPÍTULO 9..... 86

O LÚDICO COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Lucila Macedo de Possidio
Jucicleide Maria dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.3512001109

CAPÍTULO 10..... 96

QUE DANÇAS CRIAM AS CRIANÇAS?: ARTE E COPORALIDADE NA EDUCAÇÃO DAS INFÂNCIAS

Andréa Fraga da Silva
Patrícia Dias Prado

DOI 10.22533/at.ed.35120011010

CAPÍTULO 11..... 106

EDUCAÇÃO VISUAL E INFÂNCIA: UM ESTUDO DE DESENHOS PRODUZIDOS EM OFICINAS DE “FILOSOFIA COM CRIANÇAS”

Cristiane Fatima Silveira
Giovana Scareli

DOI 10.22533/at.ed.35120011011

CAPÍTULO 12..... 117

TDHA-TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Sinara Amorim da Silva
Franciele Carvalho da Silva
Júnia Moreira de Freitas
Fernanda Matos de Moura Almeida
Maria das Graças Gonçalves Vieira Guerra

DOI 10.22533/at.ed.35120011012

CAPÍTULO 13.....	131
OUVIR, OLHAR E LER ESTÓRIAS: A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES E LEITORAS	
Andressa Garcias Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.35120011013	
CAPÍTULO 14.....	149
UM ESTUDO DA PERCEPÇÃO DA ADOLESCÊNCIA FEMININA SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO RELACIONADAS A COMPORTAMENTO E VIOLÊNCIA	
Karla Dayana Araújo da Paixão	
Lisandra Ogg Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.35120011014	
CAPÍTULO 15.....	157
IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES FAMILIARES PARA A APRENDIZAGEM DO AUTISTA	
Eliane Ferreira Rocha Alencar	
Kellen Solange Fruhauf Stingham	
Luciene Toffoli de Oliveira	
Rosangela Ludwig Capatto	
DOI 10.22533/at.ed.35120011015	
CAPÍTULO 16.....	166
ASSÉDIO MORAL: REALIDADE E DESAFIOS NO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO MARANHÃO	
Nailton Sousa Saraiva	
José Luis dos Santos Sousa	
Flávio Henrique Mendes	
Francisco Claudio Assunção Lima	
Fernando Machado Ferreira	
Leoilma Morais Silva	
DOI 10.22533/at.ed.35120011016	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	180
ÍNDICE REMISSIVO.....	181

ASSÉDIO MORAL: REALIDADE E DESAFIOS NO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO MARANHÃO

Data de aceite: 01/10/2020

Data da submissão: 29/06/2020

Nailton Sousa Saraiva

Secretaria de Estado da Educação do Maranhão
Secretaria Municipal de Educação
Vila Nova dos Martírios/MA
<https://orcid.org/0000-0001-5266-5598>

José Luis dos Santos Sousa

Universidade Federal do Maranhão-UFMA
Grajaú/MA
<http://orcid.org/0000-0002-2011-1483>

Flávio Henrique Mendes

Universidade de São Paulo-USP
Piracicaba/SP
<https://orcid.org/0000-0002-7628-4850>

Francisco Claudio Assunção Lima

Secretaria Municipal de Educação
Caxias/MA
<https://orcid.org/0000-0002-9706-0848>

Fernando Machado Ferreira

Universidade Federal do Maranhão-UFMA
Universidade Estadual do Maranhão-UEMA
Grajaú/MA
<https://orcid.org/0000-0002-9047-7464>

Leoilma Morais Silva

Instituto Federal do Maranhão - IFMA
Imperatriz/MA
<https://orcid.org/0000-0002-4038-0824>

RESUMO: No mundo do trabalho, dá-se muita importância às questões técnicas e objetivas do

processo laboral. Desse modo, pode o ambiente tornar-se altamente promissor para os variados tipos de violência ou agressões no trabalho, respaldadas pela ineficácia da comunicação amistosa entre as partes na solução de problemas. Nesse contexto pode surgir o assédio moral, que se justifica na relação de poder: o superior rebaixando os subordinados. As reflexões desta pesquisa centraram-se em identificar a existência do assédio moral no trabalho docente da educação infantil de um município do Maranhão. A investigação de caráter quantitativo e qualitativo fez uso de questionários aplicados a profissionais da educação escolhidos de forma aleatória no campo da pesquisa. Diante do exposto, concluiu-se que as corporações precisam enfrentar o problema e erradicá-lo.

PALAVRAS-CHAVE: Processo Laboral; Violência; Agressão; Sintomas físicos e emocionais.

MORAL HARASSMENT: REALITY AND CHALLENGES IN TEACHING WORK IN CHILDHOOD EDUCATION IN A MUNICIPALITY IN THE INTERIOR OF MARANHÃO

ABSTRACT: In the world of work, much importance is given to technical and objective issues of the labor process. In this way, the environment can become highly promising for the various types of violence or aggression at work, supported by the ineffectiveness of friendly communication between the parties in solving problems. In this context, moral harassment can arise, which is justified in the power relationship: the superior demeaning subordinates. The

reflections of this research focused on identifying the existence of moral harassment in the teaching work of early childhood education in a municipality in Maranhão. The quantitative and qualitative investigation made use of questionnaires applied to education professionals chosen at random in the research field. Given the above, it was concluded that corporations need to face the problem and eradicate it.

KEYWORDS: Labor Process; Violence; Aggression; Physical and emotional symptoms.

INTRODUÇÃO

No mundo do trabalho, dá-se muita importância às questões técnicas e objetivas do processo laboral. Assim, as questões de cunho subjetivo ficam desprezadas e há, muitas vezes, a desvalorização dessas condições inerentes ao trabalhador. Tal desvalorização pode comprometer as relações de trabalho, onde os sujeitos integrantes dessa dinâmica perdem a habilidade de lidar com os conflitos no ambiente laboral.

Assim, pode o ambiente se tornar altamente promissor para os variados tipos de violência ou agressões no trabalho, respaldadas pela ineficácia da comunicação amistosa entre as partes na solução de problemas. Daí pode surgir o assédio moral, que se justifica na relação de poder: o superior rebaixando os subordinados.

Felizmente esta realidade está se modificando, as pesquisas sobre o assunto se espalharam, o interesse sobre o mesmo aumentou, então, o assédio moral assumiu uma importância e um lugar nas investigações científicas e no conhecimento popular. Assédio moral evoluiu de simples violência ou agressão, e as legislações de variadas nações o consideram crime.

Mas como caracterizar um crime cada vez mais camuflado em gestos, ações sutis, planejadas, frias? Como conseguir provas do assédio moral? É necessário conhecer. É necessário entender o que é assédio. De tão popularizado o termo perdeu o sentido, se desfigurou.

Assim, este estudo se justifica, na medida em que esclarece e apresenta esta relevante temática, que não pode ser esquecida, desprezada ou ignorada. O tema assédio moral, assume um caráter de repercussões internacionais, organizações como Organização Internacional do Trabalho, Organização Mundial da Saúde e outras organizações nacionais, em seus respectivos países alertaram sobre as consequências do assédio moral sobre a saúde do trabalhador, a família e a sociedade.

De origem tão antiga quanto o próprio processo de trabalho, o Assédio Moral tem sido visto com novos olhares nas últimas duas décadas. Estudos têm sido realizados a fim de se conhecer esse fenômeno inadmissível que compromete a saúde do trabalhador. Silva (2008) declara que o conceito de assédio moral era associado ao estresse ou a outros adventos naturais das relações de trabalho, prejudicando assim a sua identificação e combate. A não identificação do assédio moral como um componente dispensável ao processo de trabalho fez com que não houvesse o estabelecimento de políticas no tempo

certo. Com a ascensão da competitividade e do desemprego nas relações de trabalho surge o Assédio Moral com a intenção de desestabilizar o colaborador nas esferas pessoal, profissional e social.

A flexibilização é uma das mudanças do novo mercado de trabalho onde o funcionário precisa adaptar-se a essas exigências para se manter ativo. Dessa forma, ele acaba abrindo mão de direitos e suportando esses ajustes que vão lhe sendo impostos. Com essa degradação da saúde do ambiente de trabalho, abre-se precedente para situações relativas ao assédio moral, pois o funcionário começa a ser assediado e não reage por achar que será um caso isolado e o agressor sente-se subsidiado a continuar a série de violências, porém uma situação isolada de violência não representa a existência do assédio moral. O assédio moral é representado pela continuidade das agressões.

Souza (2011) aborda a competitividade para a conquista e para a manutenção do poder e com base em suas reflexões, pode-se compreender que existe ainda no ambiente de trabalho uma briga por poder onde o simplório fato de ser um bom profissional torna o sujeito colaborador uma vítima do assédio moral. Essas más condições de trabalho levam o funcionário a ter, também, uma visão capitalista do seu emprego. Ele passa a ver o seu trabalho apenas como uma fonte de renda e não mais como um elemento que o dignifica enquanto ser humano. Nesse sentido, Nascimento (2004) ressalta que os ataques aos direitos trabalhistas, às más condições de trabalho e as relações em degradação entre patrões, chefias e empregados justificam a instalação desses abusos, ou seja, o patrão abusa da chefia, a chefia abusa do empregado, e este último abusa do ambiente de trabalho.

Percebe-se então que, por ocorrer de forma muitas vezes camuflada, a coibição desse tipo de agressão torna-se mais difícil, até mesmo porque a docência carrega consigo paradigmas, inclusive de gênero, que exercem influência direta sobre a representatividade social da profissão, ocasionando, assim, uma maior susceptibilidade para a prática abusiva do assédio.

A relação do pesquisador com a temática proposta foi iniciada com a leitura de um artigo científico, ainda no primeiro semestre do curso, e essa certeza da escolha foi se consolidando com a vivência com profissionais que sofreram com a prática.

Portanto, se estabeleceu como objetivo geral para esta investigação: identificar a existência do assédio moral no trabalho docente numa rede municipal de educação infantil de um município do interior do Maranhão. E como objetivos específicos: promover uma reflexão teórica sobre o assédio moral no âmbito da educação, conhecer as complicações do assédio moral à saúde do trabalhador e verificar a que fator é atribuído o assédio moral na equipe de trabalho do local da pesquisa.

Com base no exposto, este estudo busca ainda sinalizar para essa prática tão comum na atualidade, para o resgate da qualidade de vida no trabalho, pela promoção de um ambiente de trabalho com princípios de humanização, onde se estimule a discussão dos aspectos subjetivos do sujeito trabalhador.

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo do tipo exploratório sobre o assédio moral no trabalho da equipe docente da rede municipal de ensino de um município do interior do Maranhão, baseado em fontes primárias (pesquisa empírica) e secundárias (revisão de literatura ou referencial teórico).

Para Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, comunicações orais, filmes e televisão. Assim, utilizou-se da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, com enfoque indutivo e quantitativo. A pesquisa bibliográfica teve como fim estabelecer o marco teórico que deu embasamento à pesquisa de campo, realizada entre professores e demais profissionais que compõem o corpo docente da escola referida. Tal pesquisa foi realizada entre setembro e outubro de 2018.

Em agosto de 2018, agendou-se uma reunião com a coordenadora-geral de educação infantil do município em estudo, para que ela assinasse o termo de autorização e compromisso para o uso de informações, a fim de ter acesso aos relatórios institucionais, dossiês, organogramas, projetos políticos-pedagógicos [PPP] das escolas da rede, bem como aos resumos de ponto e regimentos internos. Após a leitura do projeto de pesquisa, foi demonstrado por ela grande interesse para que a pesquisa se efetivasse, uma vez que o resultado se constituiria como um instrumento de trabalho para as ações da Secretaria Municipal de Educação.

Na sequência, houve uma reunião com a Secretária Municipal de Educação e com a Diretora do Departamento Pedagógico, que solicitaram uma explanação acerca do projeto de pesquisa e novamente falaram da importância do estudo e do interesse da Secretaria Municipal em ter o resultado da pesquisa para estudar ações de erradicação da prática, em caso de confirmação. Referendado pelo incentivo dessas autoridades, as escolas se posicionaram de forma acolhedora para contribuir com a pesquisa.

Realizou-se a coleta de dados utilizando-se questionamento semiestruturados, com perguntas abertas e fechadas, aplicado junto aos funcionários objetos da investigação. De acordo com Lakatos e Marconi (2003) as perguntas do tipo fechadas embora restrinjam a liberdade das respostas, facilitam o trabalho do pesquisador e também a tabulação dos dados, pois as respostas são mais objetivas. Já as perguntas de múltipla escolha apresentam uma série variável de respostas, abrangendo várias facetas do mesmo assunto, proporcionando uma exploração em profundidade quase tão boa quanto às perguntas abertas. As perguntas abertas dificultam a tabulação, mas permitem maior expressão dos informantes, que podem utilizar linguagem própria e omitir opiniões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de se traçar um perfil dos entrevistados, foram incluídas no questionário questões sobre gênero, idade, religião, etnia e função exercida na escola, além, é claro, de informações sobre as condições do contrato de trabalho, tempo de profissão e há quanto tempo o colaborador está lotado na escola atual (Tabela 1).

	Característica	Quantidade	%
Gênero	Feminino	20	100%
Idade	20-25 anos	1	5%
	26-30 anos	8	40%
	31-35 anos	4	20%
	Acima de 35 anos	2	10%
	Não respondeu	5	25%
Condição Sexual	Heterossexual	15	75%
	Homossexual	1	5%
	Não respondeu	4	20%
Religião	Outra	2	10%
	Catolicismo	11	55%
	Protestantismo	7	35%
Etnia	Outra	2	10%
	Branco	5	25%
	Negro	2	10%
	Pardo	12	60%
Função	Não respondeu	1	5%
	Professora	16	80%
	Coord. Pedagógico ou Supervisor Escolar	1	5%
	Não respondeu	3	15%
Contrato de Trabalho	Contratado	7	35%
	Concursado	10	50%
	Não respondeu	3	15%
Tempo de Profissão	1 a 3 anos	2	10%
	4 a 6 anos	12	60%
	7 a 10 anos	4	20%
	Mais de 11 anos	1	5%
	Não respondeu	1	5%
Tempo de serviço na atual Escola	1 a 3 anos	13	65%
	4 a 6 anos	6	30%
	Não respondeu	1	5%

Tabela 1. Perfil dos Entrevistados

Fonte: Os autores

Quanto a estes itens, verificou-se que a totalidade de participantes é do sexo feminino. Segundo o Portal da Transparência do município de Vila Nova dos Martírios (2019) em que fora realizada a pesquisa, todos os auxiliares e professores que atuam na educação infantil são mulheres. Ainda com base nessa fonte, o município possui 40 professoras de educação infantil, entre concursadas e contratadas. Essa pesquisa contemplou 50% desse público, possuindo 20 participantes.

Hirigoyen (2011) diz que as mulheres não são somente vítimas em maior frequência que os homens, mas que o assédio dirigido a elas é diferente, já que constantemente têm conotações sexistas ou machistas.

Tais dados foram úteis no processo de filtragem e inter-relacionamento de algumas informações. Por exemplo, há relatos de situações esporádicas de comportamentos ofensivos, injuriosos, desconcertantes ou humilhantes que foram relatados por elas. Outro fato que deve ser observado é que o assédio sexual, à primeira vista, pode ser mais suscetível que assédio moral, especialmente pela questão de gênero, pois no assédio moral, o gênero não é o fator determinante, aliás, não existe um fator determinante, pois depende muito mais das características pessoais e da personalidade da vítima bem como do ego e da personalidade do agressor (personalidade narcisista) (Guedes, 2008; Hirigoyen, 2011).

Indagadas sobre assédio moral no trabalho, todas afirmaram já ter ouvido falar. Pediu-se então uma breve descrição sobre o entendimento de assédio moral. Variadas respostas foram dadas, referentes à humilhação, pressão, persuasão, qualquer tipo de desmoralização no trabalho, alguém superior ao seu lhe humilha ou abusa de seus poderes, causando constrangimento em público, falta de caráter, qualquer tipo de constrangimento no exercício de suas funções, humilhação no ambiente de trabalho, humilhação com palavras agressivas e em voz alta, quando é empurrado etc. Muitos deixaram este espaço em branco, não deixando suas impressões sobre o que seja assédio moral em seus entendimentos.

Apesar de respostas tão variadas, observa-se que todas estão corretas em algum sentido, pois o assédio envolve todas estas descrições: humilhações públicas, pressões, constrangimento, empurrões, uso de tonalidades muito altas e até mesmo gritos, agressões verbais, abusos de poder, dentre outras. Mas o que determina ou define o assédio moral é a frequência das agressões e a finalidade, conforme Guedes (2008); Hirigoyen (2010); Hirigoyen (2011) e Souza (2011).

Indagados se já haviam sofrido algum tipo de violência no local de trabalho, apenas 30% responderam afirmativamente. Entretanto, 75% informaram algum tipo de violência como humilhações públicas ou a portas fechadas, ameaças, deboches, provocações, perseguição ou menosprezo. De todos os envolvidos na pesquisa, apenas 25% responderam negativamente a todas estas questões.

Pela revisão de literatura, foram apontados aspectos relevantes do ambiente de trabalho onde estão inseridos estes profissionais, a saber, as escolas de educação

infantil. São consideradas por Melo (2018) como ambientes que devem ser aconchegantes e empáticos, além de favorecerem conforto e bem-estar psicológico e emocional aos indivíduos que ali desempenham suas atividades profissionais. Ainda, em decorrências das singularidades desse segmento, pesquisas apontam para as escolas como ambientes estressantes e potencialmente geradores de desgaste e doença no trabalho, dados os conflitos existentes.

Tais dados fazem supor que práticas isoladas de injúrias, agressões verbais, intolerância, implicância, “brincadeiras” ofensivas etc. são comuns neste ambiente de trabalho. Os casos de deboches (60%), desvalorização ou desprezo do sofrimento do colaborador (60%), boatos, rumores e fofocas (55%) e ocorrência de risos, gestos, e/ou cochichos ao apresentar dificuldades no exercício da função (50%) foram os mais relatados. Além desses, observou-se agressões físicas como o lançamento de objetos contra entrevistados. Investigou-se ainda a presença de alguma doença física ou emocional atual sofrida pelo entrevistado e se há/houve descaso ou não de sua saúde. Dos que responderam afirmativamente (30%), apenas 5% nega que em algum momento sua doença foi ridicularizada, enquanto os demais referem que a sua sintomatologia fora ultrajada. Houve também relato de casos de laudos ou atestados pessoais recusados e ridicularizados, fato apontado por 15% do total de participantes da pesquisa. A Tabela 2 apresenta os resultados a respeito destes questionamentos.

Tipos de agressão	Quantidade	%
Vítimas de deboches	12	60%
Teve em algum momento a desvalorização ou desprezo de seu sofrimento	12	60%
Vítima de boatos, rumores e fofocas	11	55%
Vítimas de risos, gestos e/ou cochichos ao apresentar dificuldade	10	50%
Vítimas de perseguição, menosprezo e/ou desprezo	9	45%
Falta de comunicação sobre tarefas, atribuição de tarefas confusas e/ou contraditórias	9	45%
Postos em dúvida quanto a julgamentos, decisões ou procedimentos tomados	8	40%
Sofreu ameaças	7	35%
Vítimas de insultos	7	35%
Provocados para indução a uma reação descontrolada	7	35%
Vítimas de gritos (superiores ou colegas)	7	35%
Foram vigiados ou controlados por colegas	7	35%
Humilhações em público	4	30%
Vítima de gestos abusivos e/ou constrangedores	6	30%
Está doente física ou emocionalmente no momento	6	30%

Piadas ofensivas em relação a gênero, etnia, posicionamento político, religioso ou opção sexual	5	25%
Doença ridicularizada, fazendo-se pouco caso de seus sintomas)	5	25%
Tornarem público algo íntimo e pessoal	5	25%
Humilhações a portas fechadas	6	20%
Foram impedidos de realizar tarefas	4	20%
Foi induzido ao descrédito ao ser chamado (a) de mentiroso (a) publicamente	3	15%
Recusa de laudos ou atestados pessoais, ridicularizando-os	3	15%
Vítimas de isolamento ou quebra de comunicação	2	10%
Vítimas de objetos arremessados propositalmente	1	5%

Tabela 2. Respostas afirmativas aos questionamentos

Fonte: Os autores

O assédio se caracteriza por ações frequentes e duradouras de violências contra a(s) vítima(s) (Hirigoyen, 2011). Em um questionamento do tipo aberto, indagou-se “Há quanto tempo você é vítima dessas situações de assédio?”. Tal questionamento pressupõe que estes atos são assédios à moralidade do indivíduo e que pode haver um período prolongado destas atitudes, pois somente pela continuidade das ações e da finalidade do assediador é que há uma configuração de assédio. Como resposta a este questionamento, obteve-se a Figura 1.

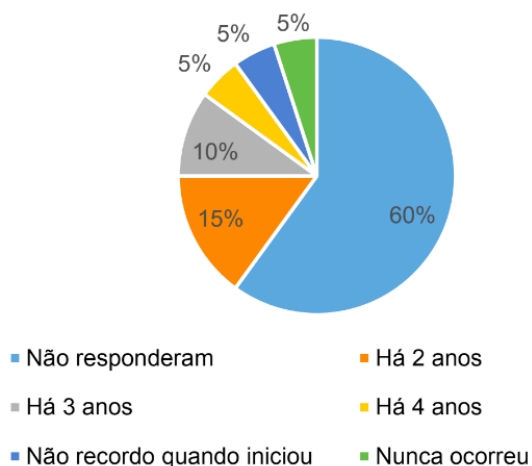


Figura 1. Duração das situações de assédio

Fonte: Os autores

Pode-se observar na Figura 1 que 60% não responderam ao questionamento, porém há a caracterização de assédio moral no trabalho docente de 35% dos respondentes. É possível que a maioria dos entrevistados tenha omitido a informação por temer alguma represália, apesar do anonimato ter sido garantido desde o início da pesquisa, subsidiando uma participação segura.

O próximo questionamento permite a percepção da regularidade da ocorrência das situações de assédio (Figura 2).



Figura 2. Frequência das situações de assédio

Fonte: Os autores

A soma das duas maiorias (30% e 25%) é equivalente a 65% que representa os que não responderam ao questionamento representado na Figura 1. Observa-se que há a ocorrência sistematizada de situações vitimando 45% dos participantes, de modo que se tem um vínculo que caracteriza assédio moral no trabalho.

Leymann (1989) verificou que para a caracterização do assédio moral (“mobbing”) é necessário que as ações que visam à humilhação da vítima se repitam pelo menos uma vez por semana durante pelo menos seis meses, denominada de psicoterror esse tipo de violência.

A Figura 3 buscou determinar que tipo de assédio poderia ser identificado, se vertical, descendente ou horizontal.

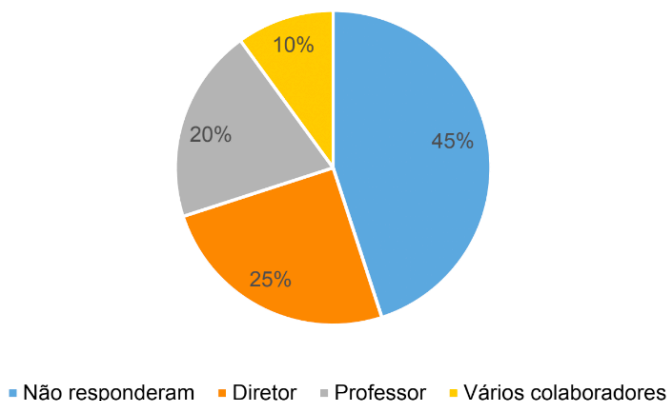


Figura 3. Assediadores apontados

Fonte: Os autores

A Figura 3 representa um questionamento que buscou identificar o assediador e que tipo de assédio moral poderia se configurar nas escolas – 45% não responderam ao questionamento. O diretor escolar recebeu maior representação (25%), seguido do professor (20%) e 10% apresentam mais de um agressor.

A partir dos dados obtidos é possível caracterizar os atos de assédio moral partindo de uma hierarquia por um lado e ao mesmo tempo partindo da horizontal, entre colegas de profissão. Essa situação em particular se desdobra em um tipo e assédio moral misto, envolvendo superiores e colegas igualmente, conforme corroboram Guedes (2008), Hirigoyen (2011) e Bradaschia (2007).

Perguntou-se aos participantes sobre os fatores aos quais eles atribuíam à ocorrência dessa prática abusiva. Visava-se investigar à quais causas ou razões os indivíduos creditavam às situações que viviam: 35% não responderam a este questionamento. A principal razão, segundo os demais colaboradores, foi o que eles caracterizaram como maldade do assediador (20%), seguida do nível socioeconômico (15%), cor/etnia (10%), condição sexual (10%), gênero – por ser mulher – 5% e por desenvolver um bom trabalho (5%).

Quanto ao local de ocorrência de assédio moral apontados pelos participantes dessa pesquisa, 45% optaram por não responder, 25% apontam a sala dos professores como o local onde mais ocorre a prática, seguida da sala de aula (15%), na secretaria da escola ou em outra sala fechada (10%) e nos corredores da escola (5%).

Com relação às testemunhas de atos de assédio, buscou-se averiguar entre os participantes se nas ocasiões em que se sentiram ofendidos (humilhados, reprimidos ou constrangidos) havia testemunha. A maioria dos respondentes respondeu sim à indagação, representados por 45% dos participantes, seguidos de 35% que não responderam à

questão e de 20% que negaram que alguém tenha visto. A mesma questão permitia que os participantes assinalassem a postura adotada pelas testemunhas de assédio moral. A maioria (55%) não respondeu a essa pergunta, talvez por não se considerar vítima de assédio moral, embora tenha declarado ter sofrido situações de humilhação.

A falta de atitudes de intervenção prevalece como ato presente nas situações relatadas pelos sujeitos participantes, representado por 30% das respostas. As atitudes de interferência, fato que chamou bastante a atenção, não ocorrem nas situações descritas, ou seja, mesmo os expectadores que não concordam com o psicoterror se absterem de alguma forma de ajuda ao colaborador em sofrimento, omitindo-se. Os casos de cumplicidade com o agressor somam-se 15%, na qual o expectador trata a situação como sendo uma piada inofensiva, sem prejuízos, contribuindo para a perpetuação da situação pela aprovação pelo riso.

Ainda nessa análise das testemunhas, Hirigoyen (2010) observa que os que estão em torno, por indiferença, receio ou simplesmente por serem egoístas mesmo, preferem se distanciar do conflito. Porém, se não houver uma intervenção enérgica, essas situações se perpetuam de maneira muito nociva à saúde do sujeito trabalhador.

Assim, percebe-se a falta de empatia e de identificação com o outro no ambiente de trabalho. Colegas de trabalho, que deveriam colaborar um com o outro, não se interessam pelo sofrimento alheio e, pior que isso, o intensifica de forma descarada, sem ao menos compreender que tais atos são incentivados por esse tipo de atitude. A omissão neste caso torna-se uma forma velada de consentimento.

A Tabela 3 apresenta uma relação dos sintomas mais investigados pela literatura e também mais relatados por vítimas de assédio moral.

Opção	Quantidade	%
Sentimento de Inutilidade	6	30%
Tristeza	4	20%
Crises de Choro	4	20%
Tremores	4	20%
Insônia	3	15%
Ansiedade	3	15%
Perda do Senso de Humor	2	10%
Palpitações	2	10%
Deficiente concentração	2	10%
Falta de Apetite	2	10%
Sonolência excessiva	1	5%
Esquecimento	1	5%
Dificuldades na Aprendizagem	1	5%
Dor de cabeça	1	5%

Falta de Ar	1	5%
Distúrbios Digestivos	1	5%
Ideia de Suicídio	1	5%

Tabela 3. Sinais e sintomas após ter sofrido assédio

Fonte: Os autores

Entre os sintomas ou sentimentos descritos ou apresentados pelas vítimas das situações de assédio investigadas, muitos responderam apontando mais de uma opção em cada resposta. Assim, é possível notar na Tabela 3 que a soma do campo quantidade corresponde a 39, o que evidencia essas respostas múltiplas. Observa-se que os sentimentos mais apontados pelos sujeitos por ordem decrescente foram: sentimento de inutilidade (30%), tristeza (20%), crises de choro (20%), tremores (20%), insônia (15%) e ansiedade (15%).

Também foram relatados perda de senso de humor, palpitações, deficiente concentração, falta de apetite, sonolência excessiva, esquecimento, dificuldades na aprendizagem, dor de cabeça, falta de ar, distúrbios digestivos e até ideia de suicídio.

De acordo com Barreto (2000) as crises de choro são relatadas apenas por mulheres, as dores generalizadas atingem homens e mulheres na mesma proporção, palpitações e tremores atingem duas vezes mais as mulheres que os homens. Além disso, a pesquisa desse autor mostra que o sentimento de inutilidade é mais frequente nas mulheres que nos homens. A insônia ou sonolência excessiva também são bastante referidas. De um modo geral, as vítimas que mais sofrem são as do sexo feminino. A ideia de suicídio e a sede de vingança atingem mais os homens do que as mulheres.

Estes sintomas representam uma alteração na saúde do trabalhador que pode se agravar, trazendo maiores consequências, tanto para o indivíduo quanto para a instituição em que este colaborador está inserido.

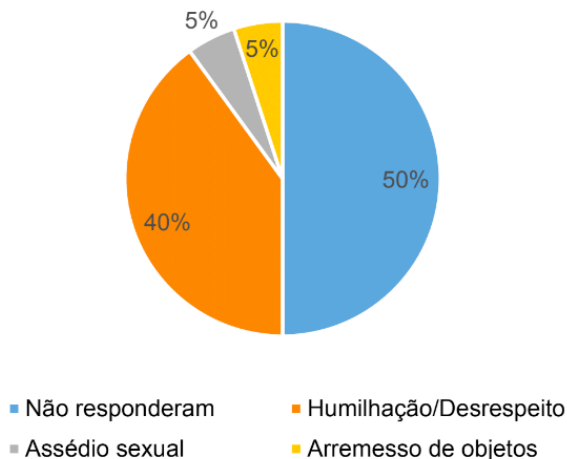


Figura 4. Casos relatados

Fonte: Os autores

Esta investigação deixou em aberto um espaço para relatos de experiências de assédio moral vividas ou presenciadas pelos sujeitos participantes. Na Figura 4 se buscou agrupar de maneira sintética as experiências relatadas, de forma que se verificou a presença de situações de assédio com as seguintes características: humilhação ou desrespeito de forma pública ou privada com 40% dos relatos. Tendo um caso com características de assédio sexual (5%) e outro caso com tentativa de agressão (5%) por meio do arremesso de objetos no sujeito do relato.

Segundo a pesquisa de Barreto (2005) o assédio sexual constitui uma porta de entrada para o assédio moral, sendo que 12,5% dos casos de assédio moral também compreendiam assédio sexual. Observa-se, também, que os casos de humilhação, constrangimento, deboches, piadinhas ocorrem com certa frequência na experiência dos respondentes.

CONCLUSÃO

As situações de assédio ou violência no trabalho estão presentes no ambiente escolar, com ocorrências do assédio moral do tipo misto, onde a vítima é perseguida vertical e horizontalmente quanto ao seu cargo. Casos de humilhações, gritos, ameaças, assédio sexual e agressão física são situações delicadas merecem atenção, ao ser responsável por dores de cabeça, insônia, tremores, sentimentos de inutilidade e crises de choro.

É pertinente que o trabalho seja entendido como algo que venha gerar satisfação, prazer e auto realização e não como um ambiente que traga sofrimento. Portanto, propõe-se que haja um trabalho de conscientização entre todos os profissionais acerca dessa

prática devastadora à sua saúde emocional e que a eles sejam dados subsídios para coibir, denunciar e reagir a toda e qualquer conduta abusiva que venha a prejudicar a saúde no ambiente de trabalho.

Esta proposta de conscientização pode ser concretizada através da realização de palestras, folhetos ou cartazes que visem informar, coibir e promover a redução dos elementos estressores do ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

BARRETO, M.M.S. **Uma jornada de humilhações**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2000.

BARRETO, M.M.S. **Assédio moral: a violência sutil**. Análise epidemiológica e psicossocial no trabalho no Brasil. Tese de Doutorado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2005.

BRADASCHIA, C.A. **Assédio moral no trabalho: a sistematização dos estudos sobre um campo em construção**. Dissertação de Mestrado em Administração de Empresas. Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP, Brasil, 2007.

GUEDES, M.N. **Terror Psicológico no trabalho**. 3ed. Editora LTr, São Paulo, SP, Brasil, 2008.

HIRIGOYEN, M.F. **Assédio moral: a violência perversa no cotidiano**. 12ed. Bertand Brasil, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2010.

HIRIGOYEN, M.F. **Mal-estar no trabalho: redefinindo o assédio moral**. 6ed. Bertand Brasil, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2011.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ed. Atlas. São Paulo, SP, Brasil, 2003.

LEYMANN, H. **Når Livet Slår Till**. 3ed. Natur&Kultur. Stockholm, Sverige, 1989.

MELO, M.S. **Assédio moral no ambiente escolar e suas consequências para a saúde do professor**. Prefeitura de Natal, Natal, RN, Brasil. 2018. Disponível em: <http://www.natal.rn.gov.br/bvn/publicacoes/MS_Melo.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018.

NASCIMENTO, J.C. **Assédio moral: a tirania nas relações de trabalho**. 1ed. CNQ, São Paulo, SP, Brasil, 2004.

Prefeitura Municipal de Vila Nova dos Martírios. **Portal da Transparência – Folha de Pagamento 04/2019**. Disponível em: <<https://www.governotransparente.com.br/transparencia/2439489/grupodearquivosprincipal/1>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SILVA, V.G. **Assédio moral e síndrome de Burnout**. 1ed. Sindicato dos Trabalhadores na Educação Municipal, Ribeirão Pires, SP, Brasil, 2008.

SOUZA, J.D. **As chefias avassaladoras – a face oculta da tirania e do assédio moral das empresas e o que fazer para acabar com essa prática**. 2ed. Novo século, Osasco, SP, Brasil, 2011.

SOBRE A ORGANIZADORA

ISABELLE CERQUEIRA SOUSA - Possui graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) Ceará, com Especializações em: Psicopedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC), Desenvolvimento Neuropsicomotor no Instituto Brasileiro de Reeducação Motora (IBRM) no Rio de Janeiro, Pós-graduação Lato sensu em NeuroAprendizagem no Centro Universitário (UNICHRISTUS). Obteve seu Mestrado em Educação Especial na Universidade Estadual do Ceará (UECE). É Doutoranda em Saúde Coletiva na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Como Terapeuta Ocupacional trabalhou durante 12 anos na área do desenvolvimento de crianças e jovens com déficit intelectual na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais APAE de Fortaleza, e atuou também com atendimentos clínicos e Terapia Ocupacional domiciliar. Como docente ministrou disciplinas na área da Educação Especial/inclusiva em Cursos de Especialização na Universidade Vale do Acaraú (UVA Ceará), foi também professora convidada na Universidade Estadual do Ceará e na Universidade de Fortaleza. No Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS) trabalhou com gestão educacional como Supervisora Acadêmica e Operacional durante 12 anos nos cursos da saúde. No referido Centro Universitário atuou também como: parecerista do Comitê e Ética e Pesquisa (CEP), e foi membro da Comissão Própria de Avaliação institucional (CPA). É orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nas áreas da educação e saúde no Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS) e Consultora na coordenadora da Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Escolar do Centro Universitário 7 de Setembro (UNI 7) em Fortaleza-CE. Atualmente por ocasião do Doutorado em Saúde Coletiva (UNIFOR) participa do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde nos Espaços Educacionais (NEPSEE), cadastrado na Plataforma de Pesquisa do CNPq. É Revisora ad hoc da Revista Brasileira em Promoção da Saúde (RBPS) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). É avaliadora de periódicos no segmento de educação e saúde, membro do Conselho Técnico Científico e revisora de E-books da Editora Atena. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9927536298829197>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5131-3395>. E-mail: isabellecerq@yahoo.com.br.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alimentação 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 68, 69, 70, 71

Aprendizagem 11, 12, 6, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 31, 33, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 50, 52, 54, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 115, 117, 121, 122, 125, 126, 128, 130, 132, 157, 163, 164, 165, 176, 177

Arte 9, 11, 4, 39, 43, 60, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 109, 115, 116, 132, 135, 138, 146

Assédio Moral 9, 12, 166, 167, 168, 169, 171, 174, 175, 176, 178, 179

Atividade lúdica 92, 93

B

Bebês 9, 10, 2, 24, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55

C

Caminhos 9, 10, 11, 21, 22, 24, 26, 33, 70, 100, 103, 108, 133, 145

Contexto escolar 9, 11, 84, 117, 129

Corporalidade 9, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 105

Creche 9, 10, 4, 22, 23, 24, 25, 26, 49, 50, 51, 54, 56, 131, 133, 141, 142, 143

Crianças Hospitalizadas 10, 40, 42, 43, 44, 45

Cuidado 10, 16, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 65, 76, 87, 88, 93, 138, 146

D

Danças 9, 11, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Descaminhos 9, 10, 22, 24, 26

Desenhos 9, 11, 15, 29, 62, 102, 106, 109, 110, 114, 115, 140, 141

Desenvolvimento 3, 4, 6, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 26, 29, 30, 32, 34, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 49, 51, 53, 58, 65, 66, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 117, 119, 121, 122, 126, 128, 141, 143, 144, 149, 151, 153, 154, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 180

Docência 11, 13, 18, 19, 20, 21, 34, 36, 131, 133, 168

E

Educação Física 9, 11, 17, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 151

Educação Infantil 2, 9, 10, 11, 12, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 18, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 34, 35, 36, 37, 38, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 99, 105, 116, 117, 120, 131, 132, 133, 140,

141, 144, 145, 146, 147, 157, 166, 168, 169, 171

Educação visual 9, 11, 106

Escola 9, 10, 1, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 43, 45, 48, 49, 51, 52, 55, 58, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 85, 90, 92, 93, 94, 96, 97, 101, 106, 108, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 137, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 162, 169, 170, 175, 179

Escolha profissional 9, 11

I

Infância 9, 10, 11, 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 17, 19, 22, 23, 27, 49, 52, 54, 56, 60, 62, 64, 71, 74, 76, 80, 86, 87, 88, 91, 96, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 118, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 146, 151, 152, 154, 156

L

Legislação 1, 3, 4, 5, 6

Leitura 9, 10, 13, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 43, 44, 45, 46, 48, 107, 108, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 168, 169

Literatura 9, 12, 1, 6, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 72, 74, 75, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 158, 159, 169, 171, 176

Literatura infantil 10, 31, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 138, 139, 140

Lúdico 9, 11, 9, 12, 17, 45, 69, 72, 78, 79, 81, 85, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 132

O

Obesidade infantil 9, 10, 58, 64, 65, 66, 70, 71

P

Pedagogia Hospitalar 40, 41, 42, 48

Políticas Públicas Educacionais 9, 10, 1, 3

Prática educativa 9, 18, 20, 30, 33, 134

Práticas alimentares 9, 10, 49, 50, 51, 55

Preconceito 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71

Professor 9, 10, 15, 16, 17, 19, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 42, 43, 44, 53, 58, 59, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 90, 91, 93, 105, 108, 117, 120, 121, 122, 124, 128, 147, 148, 157, 163, 175, 179

T

Trabalho Docente 12, 166

V


Vivências da infância 9

Educação Infantil: Comprometimento com a Formação Global da Criança

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Educação Infantil:

Comprometimento com a Formação Global da Criança

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 